

Heróis da Comunidade

unimonte
www.unimonte.br



“Quem mora lá no morro já vive pertinho do céu”, diz a letra da canção Ave Maria no Morro, de Herivelto Martins. Quem sobe os 415 degraus da escadaria do Monte Serrat fica mesmo com a impressão de que anda nas nuvens e tem o mundo aos seus pés, com uma visão de 360° da cidade de Santos.

Além do cenário, os moradores têm outro motivo para se sentir pertinho do céu, já que o morro leva o nome e abriga a capela da padroeira do município, Nossa Senhora do Monte Serrat. E sua história é recheada de milagres.

O segundo monte mais alto da cidade, a 157 metros de altitude, não é só um patrimônio dos santistas, mas um exemplo de como recebemos os que aqui buscam abrigo. É um pedacinho do Nordeste em Santos, com muitos moradores que vieram daquela região e para formar a grande família do Monte Serrat.

Mostrar um pouco da vida dessas pessoas que constroem a história de Santos é o objetivo do Projeto Heróis da Comunidade, que vai visitar recantos santistas para encontrar os heróis do cotidiano, que fazem sua parte para que o mundo seja um lugar melhor.



Prefácio

A palavra HERÓI normalmente nos remete a eventos históricos e grandes personalidades que fizeram diferença no curso da história de um país e até mesmo da humanidade, o que faz da História Mundial apenas a biografia de grandes homens. Mas o quanto esses Heróis teriam de fato construído sozinhos? Quantos milhares de pessoas não estiveram também por trás desses eventos, onde, ao final, somente uma pessoa saiu na “foto” para registrar um grande feito?

O que não percebemos é que a história é construída por todos ao longo de nossas vidas cotidianas, mas esse fato causa estranheza para a maioria, pois fica difícil imaginar que nossos atos cotidianos possam se transformar em matéria-prima da história.

A cidade de Santos é um exemplo desse fato. Hoje somos uma cidade de projeção nacional e, portanto, uma das mais importantes quando se trata de crescimento econômico, inovação e futuro. A história está sendo construída nesse momento em que estamos vivendo o agora, mas, quem está fazendo de Santos uma das cidades mais importantes do país? A resposta é óbvia! Somos nós, santistas que saem todas as manhãs de suas casas para seu trabalho, que educam seus filhos, que frequentam as universidades, que em atos voluntários ajudam a melhorar a vida dos seus semelhantes, e assim por diante.

O projeto HERÓIS DA COMUNIDADE vem exatamente desmistificar esses fatos, demonstrando para toda a comunidade que “pessoas comuns” estão fazendo história a todo o momento. Colocar os holofotes sobre pessoas comuns que ajudam a construir uma comunidade melhor não é somente um prêmio de reconhecimento para elas mesmas, mas um exemplo que deve ser exaltado. Afinal, todos precisamos de HERÓIS, mas nunca havíamos nos apercebidos de que eles estavam tão próximos.

Adalto Corrêa de Souza Jr, vice-reitor da Unimonte.

Os Heróis do Monte Serrat





Tonho de 80

Difícil encontrar Tonho de 80 parado. Desde que passou a trabalhar por conta própria, como carregador do Monte Serrat, Antonio Alberto Fernandes, 57 anos, sobe e desce carregando coisas. Já fez mais de 70 viagens em um dia, subindo material de construção.

Ele sobe com compras, móveis e eletrodomésticos. Carrega de tudo. Até gente já chegou a levar, em uma maca, para a ambulância. “Eu adoro morar no morro”, revela. “Aqui eu tenho meu trabalho. Tem serviço todo dia, até domingo e feriado”.

O apelido Tonho de 80 surgiu no morro, quando ele morava com um amigo, já falecido, a quem chamavam de 80. Quem o procurava, avisava que ia falar com o Antonio, que morava na casa do 80. Daí virou Tonho de 80 e assim ficou.

Mudou para o Monte Serrat há mais de 30 anos. Na época, trabalhava na garagem da Prodesan, com serviço braçal. Depois fez limpeza no cais, através de empreiteiras.

Quando se viu desempregado, percebeu a oportunidade de trabalhar pertinho de casa. No morro se estabeleceu e cria as duas filhas e um neto, subindo e descendo todo dia, como carregador.

“Carrego tudo. É só ligar para mim”, garante. Quando tem material de construção para levar, acorda cedo e já pega no batente por volta de 4 horas, mais tardar 5 horas da manhã. “É melhor, por causa do calor”.

Se aparece uma urgência, algo que não pode esperar, como compras de supermercado, atende o cliente na mesma hora. Depois retoma o sobe e desce com tijolos e areia. “Tem coisa que não pode ficar lá embaixo, quando estraga ou é valioso”. Tonho garante que o corpo acostumado não sente dores. Se cansa, para um pouco, mas logo recomeça.

Desafio, só com grandes volumes. “O que dá para subir sozinho, eu subo. Pode ser fogão, armário montado e geladeira de até 50 quilos”.

Quando não pode carregar sozinho – um armário grande montado, por exemplo, ou uma mudança –, chama outro carregador para ajudar. “Eu pego todo trabalho; nunca digo não. Só se estou almoçando. Aí peço para esperar um pouquinho e depois eu vou”.

No morro, há um lema: “Se não aguenta, chama o Tonho de 80”.



Mestre Bahia

Ele é cearense, mas ficou conhecido como Bahia. O homem que chegou a Santos há mais de três décadas para trabalhar como servente de pedreiro e carregando sacas no porto exportou a tradição nacional ao som do berimbau.

Antonio Rodrigues Clemente, 53 anos, ou Mestre Bahia, como é chamado, viajou o mundo apresentando a capoeira. “Vim só”, diz, recordando sua chegada ao Monte Serrat. Veio, ficou e transformou o morro com sua escola de capoeira gratuita para toda a garotada. Não há menino no morro que não tenha aprendido golpe com Mestre Bahia.

A capoeira entrou em sua vida ainda no Nordeste. “Eu não fui até ela. Ela que veio até mim”. Logo se apaixonou e sonhava em poder trabalhar com o esporte. “É a cultura da gente, coisa viva, coisa nossa, do povo brasileiro”.

Antes da capoeira, ele era o Antonio e conhecia bem as bofadas (*) que a vida dá. “A capoeira me livrou de beber, de

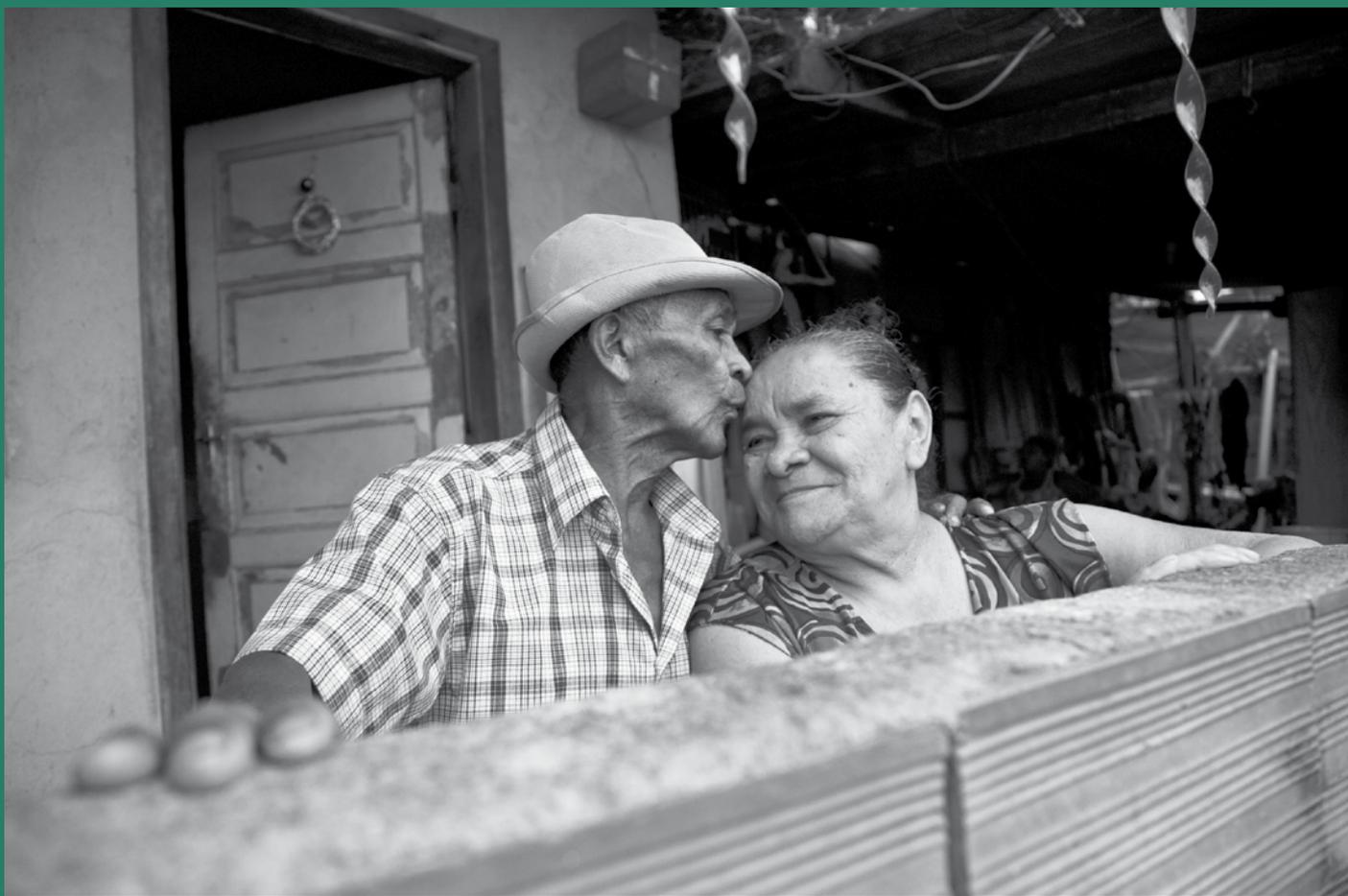
fazer coisa errada. Acho que nem vida eu tinha se não fosse a capoeira”.

Inspirado pelo mestre Sombra, com quem praticou em Santos, ele descobriu que poderia viver do seu sonho. “Quem encontra um bom mestre de capoeira, como eu encontrei, tem um pai bom”.

De aprendiz passou a professor, e foi aí que nasceu o Mestre Bahia, que ensina em toda a cidade. A associação no Monte Serrat foi fundada há 26 anos e é aberta à comunidade – e o morro inteiro passou pela escola.

No balanço de sua trajetória, Mestre Bahia não tem dúvida: Tudo valeu muito a pena, porque ele descobriu que a capoeira era sua vida.

(*) Bofada é um termo usado no Nordeste para dizer bofetada, tapa.



'Seo' Antonio e Dona Maria Francisca

O Monte Serrat não seria mais o mesmo depois da chegada, há quase meio século, de Antonio Carolino da Silva, 78 anos. Ele foi o responsável por transformar o morro em um pedaço do Ceará em Santos.

"Trouxe muito cearense para cá. Recebia em casa, porque eles vinham e não tinham onde ficar", recorda 'seo' Antonio. Com a esposa Maria Francisca da Silva, 71 anos, abrigava, além dos filhos, todo o povo da sua terra que, como ele, buscava um futuro promissor no litoral paulista.

Foi para fugir da política "sebosa" do Ceará que ele resolveu se aventurar nos ares santistas. Em sua cidade, em Missão Velha, trabalhava como eletricitista, mas por causa de problemas políticos teve que ir para a roça. "Lá, se você não concorda com quem está no poder, fica difícil", recorda.

Em Santos, para sustentar as crias, Antonio primeiro trabalhou como carregador no morro. Depois foi porteiro em prédio na Vila Rica e funcionário da Prefeitura.

Escolheu a cidade porque já tinha aqui um amigo, com quem morou um período, até alugar seu rancho no morro e ser um dos primeiros cearenses a se instalar no local. Estabelecido, mandou buscar Maria Francisca, que havia ficado no Ceará com quatro filhos do casal.

"Eu fiquei esperando ele", lembra Maria. Quando casaram, ela tinha 14 anos; ele 17. Já comemoraram bodas de ouro da união que, para 'seo' Antonio, foi a melhor coisa que fez na vida. "Ela é uma mulher maravilhosa. Nós não briga".

Nem as adversidades de andar carregando comida morro acima, para toda a família, espantou Maria, que subia o morro, lata d'água na cabeça, levando as crianças pela mão, sem nem se cansar, com a mesma poesia da canção. (*)

A faca ou a peixeira fica na cintura por hábito, e só assusta quem não conhece 'seo' Antonio, homem de paz. Aliás, a paz, o sossego do morro é o que mais encanta o casal – e toda a família, já que 8 dos 9 filhos moram no Monte Serrat. O casal teve 11 filhos, mas só 8 sobreviveram. Quando já estavam criados, Maria resolveu adotar mais um. Eles têm 28 netos e 11 bisnetos.

O casal ainda mora na casa que os abrigou há quase meio século. "Aqui é nossa raiz", garantem. Ao local acorrem os que precisam de ajuda, já que 'seo' Antonio é considerado benzedor do morro. "Eu não sei benzer", confessa. "Mas eu benzo, o povo acredita, tem fé e tem ficado bom".

(*) referência à marchinha de carnaval *Lata d'água na cabeça* (*Lata d'água na cabeça, / Lá vai Maria. Lá vai Maria: / Sobe o morro e não se cansa. / Pela mão leva a criança. Lá vai Maria. / Maria, lava roupa lá no alto / Lutando pelo pão de cada dia, / Sonhando com a vida do asfalto / Que acaba onde o morro principia*).



Tia Panca

Vaidade não tem idade nem escolhe lugar. Ela sobe o morro e vira realização no único salão de beleza do Monte Serrat, o da tia Panca. Francisca Conrada de Sá Clemente, 50 anos, chegou do Ceará quando tinha 17 anos. Ainda era a “Panquinha”, como o pai carinhosamente lhe chamava.

Foi direto para o morro, para a casa de uma irmã. No Monte Serrat virou a tia Panca e se estabeleceu. “Eu adoro viver aqui. Da minha cozinha vejo a cidade toda”.

Antes de abrir o salão que lhe daria a profissão e uma nova oportunidade para o pessoal do Monte Serrat poder se

embelezar em estabelecimento profissional, Panca chegou a trabalhar em fábrica de costura e em casa de família, até fazer o curso de cabeleireira que mudaria sua vida.

Pelas conquistas e as chances encontradas na cidade, só tem a agradecer. E é dando graças que ela trabalha para realizar todo ano a Via Sacra, a manifestação de sua fé na padroeira de Santos, Nossa Senhora do Monte Serrat.



Dona Mercedes

A vida de Mercedes Fernandes Rodrigues, 85 anos, confundeu-se com a do Monte Serrat. Ela nasceu no morro e ali teve – literalmente – três dos seus quatro filhos, que foram amparados no parto por familiares, no quarto de casa.

Uma das moradoras mais antigas do local, Dona Mercedes vive no topo, pertinho das nuvens. E garante que do morro só sai quando for para o céu. Os filhos até insistem que a mãe more com eles em outros locais, mas Dona Mercedes nem negocia. Quando precisa passar um tempo fora, chora de saudades e vontade de voltar para casa. “Eu adoro viver aqui. É calmo, tem silêncio”. Apreciando a vista de sua casa, de onde se pode ver toda a cidade, ela leva a vida. Não sai nem para ir ao médico, que vai vê-la em casa. “A manicure também”, avisa, lembrando dos tempos difíceis, quando fazia a feira na Vila Mathias e subia cheia de sacolas, até o ponto mais alto do Monte Serrat. “Hoje tudo é fácil e o pessoal reclama. A gente não tinha água, precisava buscar longe, carregar pelo morro e lavava roupa lá embaixo”.

E se Dona Mercedes faz parte da história do Monte Serrat, o morro igualmente está em sua vida. Na infância e adolescência, saiu algumas vezes para morar fora. Um tempo no Morro do São Bento, outro em São Paulo, quando foi trabalhar e ficar em casa de família.

No São Bento conheceu o marido, filho de portugueses que chegou ao Brasil com dois anos. Depois voltou com a família para o Monte Serrat e no local continuou quando casou, aos 19 anos. “Morava com minha cunhada; ela em um quarto e eu no outro”. A sogra veio depois, morar logo mais embaixo. Foi no porão da sogra que teve o segundo filho. “Disse à minha sogra que ela apararia o bebê”. Mercedes não gostou da experiência de ter o primeiro filho no hospital. “Minha mãe tinha me dito para não gritar, porque as enfermeiras maltravam quem fazia escândalo”, recorda. Por isso, só chamou ajuda quando ouviu o bebê chorar. Ficou chateada porque não deixaram a sogra visitar a criança. Naquela hora, Mercedes prometeu que só teria filhos no morro. E cumpriu. O terceiro e o quarto filhos nasceram em casa e a família só soube quando os bebês já estavam chorando na cama. Assim o Monte Serrat testemunhou o início da história da família de Dona Mercedes, que tem 11 netos e 8 bisnetos. Ela nasceu em 1º de abril de 1927 e garante que a data de nascimento não é mentira, como também não é mentira a grande certeza que tem na vida: “Viver no morro é uma felicidade”.



Tia Josélia

Para quem sofre na hora de subir os 415 degraus do Monte Serrat, Maria Josélia Oliveira, 68 anos, é um exemplo. Moradora do morro há 43 anos - quando chegou do Ceará -, faz três que decidiu começar a correr – não só em terreno plano, mas também em subidas.

Seu empenho garantiu a medalha em corrida vertical. Ela comemora a conquista com a experiência de quem sabe que enfrentar escadas faz parte da rotina. Mas muito além das medalhas, Josélia conta qual o prêmio de quem encara a subida: a maravilhosa vista da cidade.

Pelo menos uma vez por semana os moradores do Monte Serrat testemunham a dedicação da corredora, nascida em

Jamacaru, distrito de Missão Velha, no Ceará. Ela desce a escadaria, corre até a praia, treina na areia, descansa, volta e sobe quase até o topo, onde mora. Quando o treino é para prova vertical, sobe e desce correndo.

“Eu tenho vista para o mar”, brinca, olhando Santos de ponta a ponta de sua varanda. Para ela, o melhor do morro é o sossego. “Adoro morar aqui”, revela a cearense, que tem dois filhos, sete netos e três bisnetos.

Bom também é estar perto da família: no Monte Serrat moram primos e tios de Josélia, que também vieram do Ceará.



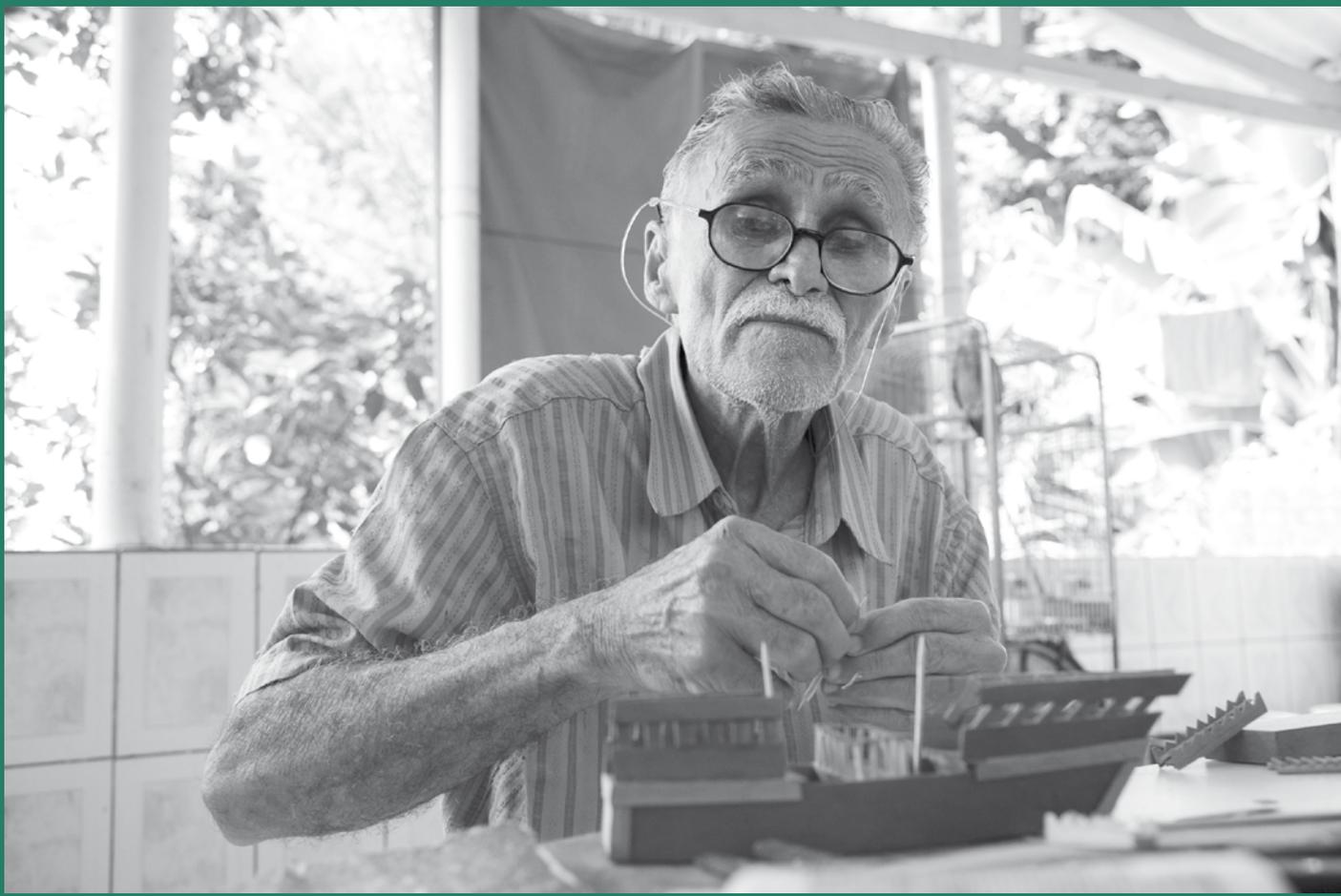
Fátima

“Aqui é o mundo”, diz, referindo-se ao Monte Serrat, Maria de Fátima Gomes Faria. Ela é a tia Fátima do bar que virou ponto de referência até para lojas que vão entregar móveis e eletrodomésticos no morro.

Fátima adora a tranquilidade e a sensação de viver em um lugar em que as pessoas se conhecem e se ajudam. Por isso, garante, não trocaria sua casa nem por um apartamento de frente para o mar. Olhando para o horizonte, onde mira o oceano, aponta e exclama: “Veja que lindo o navio lá”.

A vida nas alturas é herança de terceira geração. O avô, português, fundou o bar, que passou para o pai de Fátima. “Ele também nasceu no morro”, comenta, referindo-se ao senhor Faria, veterano da Guerra de 32, já falecido. A mãe veio com 16 anos de Portugal.

Tia Fátima vive no morro desde que nasceu. Assumiu o bar, que cuida com braço forte, mão de ferro e jeito firme. Afinal, precisa manter rédeas curtas para impor o respeito que merece. Aos que pensam em desafiar sua autoridade, avisa que ali quem manda é ela. E conclui, com seu belo sorriso: “O mundo é das mulheres”.



José dos Barcos

Os navios seguem ao longe, mas não passam despercebidos por José Augusto Delfino, 68 anos, o José dos Barcos. Sobre a mesa na varanda, os objetos que lhe garantiram o apelido: embarcações de variados tipos, de papel de revista ou madeira reciclada, feitas por ele.

Apesar de conviver com navios em sua paisagem, José garante que o trabalho é fruto da imaginação. Morador do Monte Serrat há 33 anos, o pernambucano exalta a vizinhança quando fala da alegria de viver no morro.

Fora a vista da janela, seu contato com embarcações se deu somente quando fez travessia para Guarujá e para São Sebastião. Isso não o impede de produzir verdadeiras obras de engenharia, como barcos de dois andares e fragatas que revelam ao fundo sua origem, com o adesivo da caixa de fruta, que foi reaproveitada.

Chamam atenção os detalhes que o funcionário público aposentado coloca em sua obra: botes, escadas, cadeirinhas, bandeirolas e até um comandante ao leme. “É preciso muita

paciência”, avisa. Em destaque, o orgulho de quem trabalhou para o município se apresenta nas bandeiras e brasões da Prefeitura Municipal pendurados nas embarcações.

No ateliê do artista estão os barcos em produção e também os que voltaram para consertar, depois que alguma criança quebrou. “O pessoal traz para arrumar”, comenta com seu jeito tímido.

Os barcos e a família – formada por seis filhos e cinco netos – são seus amores. Mas a parede da casa revela outras paixões: ao lado dos quadros da Santa Ceia e do Corinthians, o diploma da Escola Técnica que exhibe com orgulho, junto com a carteirinha de estudante. “Eu me formei lá”.

Nossos Cicerones no Monte Serrat





Cícero Paixão

Aos 5 anos, Cícero Paixão, 38 anos, deixou para trás o distrito de Jamacaru, em Missão Velha, no Ceará e se instalou em Santos com a família, no Monte Serrat.

Como todo garoto, gostava de brincar pelo morro. Mas tinha uma paixão especial: andar de bicicleta.

No final da década de 80, quando a mountain bike chegou ao Brasil, Cícero logo aderiu à idéia que prometia novos desafios. Ele fazia trilhas, participava de competições.

Descia o morro com a bicicleta nas costas para treinar com a turma. E subia também.

Observando pessoas que também subiam com a bike nas costas, teve uma idéia, que partilhou com o irmão – com quem dividia a paixão pelas duas rodas. “Falei para ele que podíamos tentar descer de bike mesmo”, recorda.

Começaram devagar, aproveitando a técnica que já possuíam com os treinos. “Quando a gente desceu sobre a bike pela escada, só ouvia o pessoal dizendo ‘Vai cair!’”. Cícero sorri com a lembrança.

Eles começaram de um local baixo, foram subindo, subindo, até que enfrentaram o desafio de descer o morro todo de bicicleta, desde a igreja.

Não demorou para pensar em fazer uma prova na escadaria do Monte Serrat. Em 1998, procurou Marcelo Gomes Coelho, presidente da Confederação Brasileira de Mountain Bike, com a ideia. “Ele se animou quando viu, em 2002, que Portugal tinha uma prova dessa”, recorda Cícero.

Em 2003, Santos ganhou sua prova de Downhill no Monte Serrat.



Arquimedes da Silva Machado

Arquimedes da Silva Machado, 31 anos, vive desde que nasceu no morro. Mas suas raízes remontam ao Ceará, origem da família que aos poucos foi vindo para Santos e se instalando no Monte Serrat. Hoje, mais de seus 50 familiares vivem no local.

A união da família se estendeu à amizade com os outros moradores, regida pelo auxílio mútuo. “Eu cresci vendo o envolvimento da família com a comunidade. Um tio ajudava um morador a carregar material de construção para fazer sua casa. Quando desabavam barracos, em dias de chuva, via meu avô e meu tio ajudando os que eram prejudicados”. Por isso, alguns parentes atuaram na sociedade de melhoramentos. Como herança familiar, Arquimedes sempre interagiu a favor da comunidade.

Sua paixão pelo morro, além do clima familiar, é o ambiente. “O quintal dos moradores é o morro”. Ele conta que ali aprendeu a jogar bola, empinar pipa e subir em árvores. “Coisas do interior que o Monte Serrat preserva”. O filho, de 9 anos, segue o mesmo caminho, com uma infância rica, difícil de se viver no restante da cidade.

A esposa, Paloma, também foi criada no morro. O encontro do casal se deu no grupo de jovens da Igreja do Monte Serrat. “Ela tem muitos familiares no morro”. Eles também ajudam a formar a grande família do Monte Serrat.

Paulo Alexandre Barbosa

Prefeito de Santos

Rivaldo Santos de Almeida Júnior

Secretário de Comunicação e Resultados

Realização

Prefeitura de Santos

Unimonte

TV Tribuna

Textos

Viviane Pereira

Fotografias

Isabela Carrari

Design

Denis Moura

Produção Gráfica

Departamento de Marketing e Artes

David Cardoso

Eduardo Fernandes

Fábio Tatsubo

Igor Villa

Coordenadoria de Internet

Amanda Guerra

Hector Martins

Stefan Lambauer

Agradecimentos

Regional dos Morros

Secretaria de Serviços Públicos (SESERP)

Secretaria de Comunicação e Resultados (SECOR)

Marcelo Coelho

(Presidente da Confederação Brasileira de Mountain Bike)

